

CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA QUALITATIVA INTERDISCIPLINAR EM DESIGN: UMA REFLEXÃO SOBRE A APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS E ENTREVISTAS NO CAMPO

Luiza Novaes

lnovaes@puc-rio.br

Vinicius Mitchell

vinicius.mitchell@gmail.com

INTRODUÇÃO

Durante os anos de 2016 e 2018, realizamos um estudo sobre a ilustração de jornais e os desafios para sua experiência no formato digital em *smartphones*. A pesquisa fez parte da dissertação de mestrado *A ilustração jornalística e os desafios para sua experiência em “smartphones”* (Mitchell, 2018) e foi desenvolvida junto ao grupo de pesquisa do laboratório *Experiências e Ambientes Interativos* (EAI), coordenado pela professora Luiza Novaes (PUC-Rio) orientadora do projeto. Contamos também com a coorientação de Alexandre Farbiarz, professor da UFF e pesquisador do laboratório *Linguagem, Interação e Construção de sentidos - Design* (LINC-Design), coordenado pela professora Jackeline Farbiarz na PUC-Rio. O objetivo geral da pesquisa era compreender como as rotinas produtivas

dos jornais multiplataforma estavam impactando a ilustração jornalística e o trabalho do ilustrador, diante da demanda dos jornais para publicar conteúdos em vários formatos simultaneamente, impressos e digitais. Buscávamos identificar os desafios para a inserção da ilustração em versões de jornais para leitura em *smartphones*. Esperávamos compreender as características do meio que impactavam o desenvolvimento do potencial da ilustração neste cenário.

A ilustração envolve aspectos de um saber prático, que se delinea na interseção entre o Design, a Comunicação e a Arte. Buscávamos na pesquisa compreender a ilustração na relação entre a teoria e a prática, a fim de avançar no estudo de sua transposição entre mídias (meios e suportes), novas textualidades e na experiência do jornal publicado em *smartphones*. O que é, na prática, considerado ou não ilustração? Quais as suas funções no jornal? Que profissionais fazem ilustração no dia a dia? Optamos, assim, por ouvir as vozes de profissionais da área para enriquecer nossa visão teórica com base na prática e compreender contradições identificadas na revisão de literatura. Ao entrevistar aqueles que *faziam* o trabalho contemporaneamente a nossa pesquisa, esperávamos também ter a possibilidade de esclarecer dúvidas observadas em amostras selecionadas na pesquisa documental.

Neste capítulo, faremos uma reflexão sobre nossa experiência metodológica no percurso de elaboração, codificação e análise do material coletado em questionários e entrevistas na pesquisa de campo. Consideraremos o diálogo interdisciplinar na adaptação de técnicas de diferentes áreas do conhecimento na pesquisa em Design e, da mesma forma, a importância de olharmos para a experiência e o legado de pesquisadores egressos dos programas de pós-graduação do próprio Design como referência de caminhos metodológicos para nossas pesquisas, em movimentos que se complementam, fortalecendo o campo.

ENTREVISTAS EXPLORATÓRIAS

A primeira iniciativa em relação ao campo se deu por meio de cinco entrevistas exploratórias com ilustradores que tinham diferentes vivências em *Editorias de Arte* de grandes jornais, realizando trabalhos variados como ilustrações, infografia, quadrinhos, charge e caricatura. Os ilustradores contatados possuíam larga experiência profissional de no mínimo 20 anos de atuação em jornalismo. Eram conhecidos de Mitchell, também ilustrador e designer, que antes de iniciar a pesquisa trabalhou em redação de jornal por oito anos. Dessa forma, as entrevistas-piloto serviram de base para identificarmos algumas questões que não haviam aparecido na revisão bibliográfica realizada, e para refinarmos o recorte

da pesquisa. Questões que surgiram espontaneamente nas entrevistas acabaram sendo incorporadas à investigação.

Essas entrevistas iniciais foram semiestruturadas, possuindo um roteiro prévio, mas conduzidas de maneira a permitir aos entrevistados o encadeamento de pensamentos em diversas direções. Sua abordagem aproximou-se também da entrevista “focalizada”, descrita por Eva Maria Lakatos e Marina Marconi (2003, p.195) como aquela onde o entrevistador tem “liberdade de fazer as perguntas que quiser: sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal”. As entrevistas foram presenciais, gravadas em áudio, e realizadas em ambientes confortáveis de acordo com a disponibilidade e preferência dos convidados, resultando em depoimentos bastante extensos.

Essa etapa foi fundamental para a preparação adequada de um instrumento de pesquisa, com o objetivo de alcançar um maior número de ilustradores de variados jornais em outros estados brasileiros, mantendo os objetivos de pesquisa. Para Mitchell, ao teorizar sobre a própria profissão, era necessário um esforço de deixar de lado os pressupostos da vivência pessoal ao aferir uma percepção dos vários atores do campo, buscando, dessa forma, encontrar espaços de consenso nos conceitos e práticas profissionais relatadas pelo coletivo escutado. Assim, nessa reflexão acerca da ilustração jornalística, o contato com os colegas foi importante para evitar a imposição de ideias e crenças pessoais como verdade generalista acerca do trabalho. Ao nos voltarmos para o campo, o confronto entre ideias de profissionais de gerações e posicionamentos de trabalho diversos foi evidenciado, indicando múltiplas possibilidades entre as vivências, os conceitos e as práticas dos ilustradores. Pudemos esclarecer problemas identificados na observação documental e teórica. Isso nos deu confiança para selecionar questões tangíveis e compartilhadas coletivamente na experiência profissional, descartando aquelas de delimitação incerta.

A partir das entrevistas exploratórias, tópicos que melhor se adequavam a questões objetivas foram identificados, sendo retrabalhados através de recursos como múltipla-escolha e caixas-de-seleção. Essas questões objetivas foram reorganizadas em uma consulta online mais direta, constituindo o núcleo de desenvolvimento de um **questionário**. Se nosso objetivo era escutar um maior número de ilustradores, de diversos estados brasileiros, o formato adotado nas entrevistas-piloto era inviável, uma vez que em larga escala geraria um grande volume de material difícil de ser processado, considerando-se o cronograma de uma pesquisa de mestrado. Dessa forma, as questões qualitativas abordadas no roteiro das **entrevistas-piloto** foram condensadas em cinco perguntas abertas

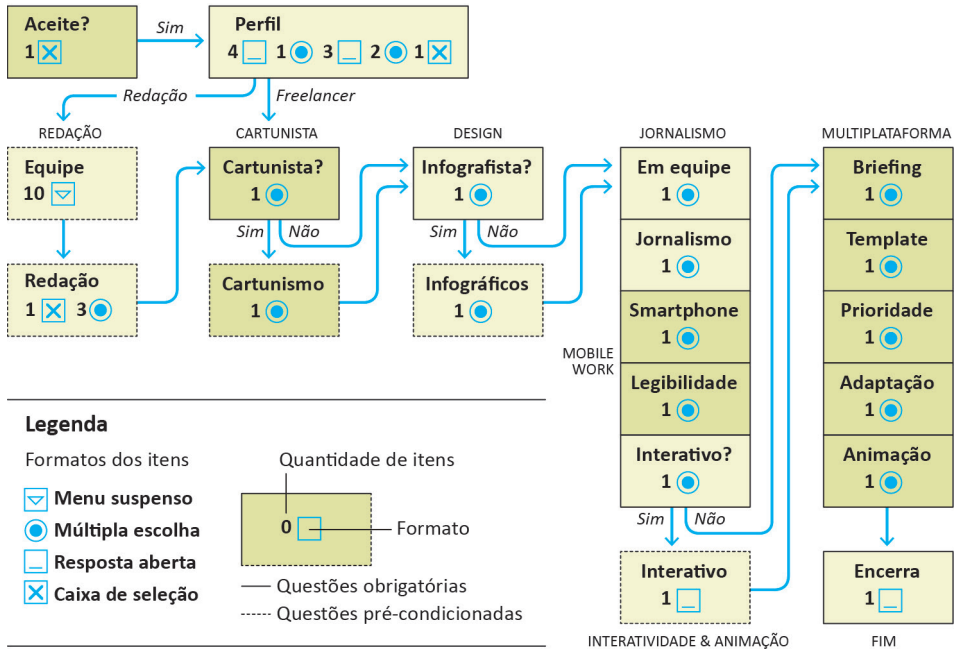
principais. Um público mais amplo de ilustradores foi então convidado a participar da pesquisa respondendo ao questionário e à entrevista. Os conjuntos de perguntas refletiam nossos objetivos específicos, mantendo também a possibilidade de colhermos dados qualitativos significativos.

PLANEJAMENTO DO QUESTIONÁRIO COM PERGUNTAS OBJETIVAS

Primeiramente, um roteiro para a elaboração do **questionário** foi construído de acordo com a metodologia proposta por Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi (2003), que sugere a limitação do número de temas e questões para evitar que o questionário se torne enfadonho, o que pode levar à evasão dos respondentes. O processo de retrabalhar os tópicos nos levou a refletir sobre a importância de cada questão, eliminando itens supérfluos ou redundantes e trazendo o roteiro a uma extensão adequada.

A próxima etapa do processo foi a construção de um questionário online na ferramenta “Google Forms”. A plataforma é de uso gratuito e permite a ramificação do roteiro dependendo das escolhas do respondente, fator importante para poupar perguntas desnecessárias e evitar dificuldades de interpretação, como por exemplo o que acontece em preâmbulos condicionantes: “Caso tenha respondido ‘não’ ao item anterior...”. Nesse caso, visamos desenhar o questionário de maneira que diferentes rotas pudessem ser seguidas em itens pré-condicionados, reduzindo a demanda de interpretação dos enunciados pelo respondente. Mais importante, o procedimento visou diminuir a incidência de dados incorretos decorrentes de má compreensão de uma pergunta. Por fim, visando a análise e a codificação posterior dos dados obtidos, refletimos sobre o formato de questão mais adequado para coletar as informações almejadas em cada item: múltipla-escolha, lacunas, *checkboxes* (“caixas de seleção”), e *dropdown* (“menu suspenso”). O questionário final compreendeu 33 itens com um mínimo de 27 respostas obrigatórias.

Figura 1 – Planejamento da estrutura do questionário.



Apesar do planejamento, é possível que um item do questionário tenha sido pontualmente mal interpretado. Um dos objetivos da pesquisa era investigar a participação dos ilustradores no trabalho dos departamentos de arte dos jornais. Buscávamos também observar se as equipes eram de fato multidisciplinares, se reuniam profissionais de várias áreas na criação de conteúdos de *arte* jornalística. Uma maneira de aferição visava mapear a composição do perfil profissional desses departamentos, a partir da divisão de vagas por profissão. Ou seja, compreendendo quantos profissionais de cada tipo – jornalista, designer, programador, ilustrador etc. – compunham o departamento de arte dos entrevistados que trabalhavam em redação. Essa pergunta tinha trazido dados importantes nas entrevistas exploratórias piloto. Porém, demandava uma explicação extensa quando formulada através de pergunta aberta, tornando-se por vezes confusa. Optamos, então, por aplicá-la no questionário, utilizando o formato “menu suspenso” (*dropdown*). O entrevistado, quando afirmasse trabalhar presencialmente em uma redação de jornal, seria encaminhado para a questão onde poderia indicar a quantidade de cada tipo profissional que havia na composição da equipe da qual fazia parte. Formulando a questão com base nos tipos profissionais levantados resultantes das entrevistas-piloto e na revisão de literatura, esperávamos tornar a questão mais clara, minimizando dúvidas decorrentes de nomenclaturas variadas encontradas

nos jargões do campo profissional. O questionário deixava ainda a opção “Outros” para acomodar tipos profissionais não previstos.

Figura 2 – Trecho do questionário *online* utilizando questão do tipo menu suspenso.

Questionário – Ilustração Jornalística

Equipe da Editoria de Arte com a qual trabalha

A pesquisa busca observar se há uma mudança de perfil das Editorias de Arte, poderia nos ajudar com uma descrição profissional dos colegas de sua equipe?

Quantos Ilustradores (que não fazem infografia) trabalham na equipe?

Choose

Quantos Ilustradores-infografistas (que fazem tanto ilustração quanto infografia) trabalham na equipe?

Choose

Quantos Infografistas (que não fazem ilustração) trabalham na equipe?

Choose

Quantos Jornalistas trabalham na na equipe?

Choose

Quantos Designers Gráficos trabalham na equipe?

Choose

Quantos Programadores ou profissionais de TI trabalham na equipe?

Choose

Nenhum

1

2

3

4

5

6

7

8

9

Chargistas trabalham na equipe?

compõem a equipe

Google Forms.

Form endorsed by Google. Report Abuse Terms of Service Privacy Policy

Entretanto, observando o número muito elevado de “jornalistas” em respostas isoladas, é possível que, excepcionalmente, respondentes tenham enumerado profissionais de toda a “redação” e não apenas da “editoria de arte”. Havia, porém, uma tendência de aumento da colaboração de jornalistas atuando dentro dos departamentos de arte, percebida previamente na bibliografia e entrevistas-piloto. Não foi possível aferirmos individualmente se houve discrepância na interpretação do item.

ROTEIRO E APLICAÇÃO DE ENTREVISTAS NA SEGUNDA ETAPA, COM AS CINCO PERGUNTAS ABERTAS CONDENSADAS A PARTIR DAS ENTREVISTAS EXPLORATÓRIAS

As entrevistas na segunda etapa da pesquisa, que incluía um número maior de participantes, foram escalonadas para sua aplicação e se consolidaram em cinco perguntas abertas, que acompanharam o envio do questionário. As entrevistas apoiaram-se no “Método de Explicitação de Conteúdo Subjacente” – ou “MEDS” – descrito por Ana Maria Nicolaci-da-Costa (2004; 2007). Esse é um método exploratório qualitativo e aberto à interdisciplinaridade. Desenvolvido inicialmente para a pesquisa em psicologia clínica, o método prevê a investigação aprofundada em contexto, amostras pequenas e flexibilidade de procedimentos ao trabalhar com material discursivo. A possibilidade de explorar esse enfoque metodológico enriqueceu nosso referencial teórico e a prática no campo. Entretanto, foi necessário um esforço reflexivo para selecionar quais procedimentos de nossa metodologia final seriam alimentados pelo método e, em outro sentido, quais pontos deveríamos tornar flexíveis e adaptar. Essas escolhas buscaram evitar que soluções intrínsecas à prática e ao pensamento do Design fossem impedidas de surgir. A tabulação, análise e construção de gráficos para apresentar as informações, por exemplo, resultaram desse equilíbrio.

Na aplicação das entrevistas, diversos pontos do método MEDS foram observados, tais como: a preferência por entrevistas semiestruturadas, realizadas pessoalmente ou por escrito, via *e-mail*; a condução de entrevistas-piloto; a busca por ambientes naturais ou informais para as entrevistas; e o cuidado para deixar o entrevistado à vontade para oferecer respostas abertas e livres. As entrevistas foram gravadas sempre que possível. As cinco perguntas do roteiro final utilizado nas entrevistas corresponderam aos objetivos específicos de nosso estudo:

Figura 3 – Correlação entre as perguntas da entrevista e os objetivos específicos da pesquisa.



No gráfico, buscamos fazer uma síntese do processo de elaboração das cinco perguntas em sua relação com os objetivos específicos da pesquisa.

CODIFICAÇÃO E ANÁLISE DO MATERIAL QUALITATIVO

O ponto essencial do processo de codificação e análise do material qualitativo, inspirado no método “MEDS”, foi a abertura ao surgimento de temas inesperados nas respostas. As categorias foram criadas a partir das recorrências identificadas nos discursos, ou seja, semelhanças nas falas que indicam “algo invisível que quer se tornar visível” (Nicolaci-da-Costa, 2004). Todo o material qualitativo foi relido e retrabalhado até o seu “ponto de saturação”, quando o surgimento de novas categorias relevantes tornou-se escasso.

Revisitamos também trabalhos realizados no PPG Design PUC-Rio, que já haviam se apoiado no método MEDS para realizar pesquisa em Design, a fim de fundamentarmos nossas opções metodológicas. Especificamente, observamos a metodologia descrita na dissertação de Tatiana Tabak (2012), *(não) Resolução de (não) problemas: contribuições do Design para os anseios da Educação em um mundo complexo*, e na tese de Rosana Ferreira Alexandre (2017), *Colecionando experiências museais: a mediação com o público sob o viés do design*. Ambas as pesquisas foram inspiradoras ao descrever suas experiências com o método e demonstrar as diferentes possibilidades de abordagens em sua aplicação.

Em nosso percurso, as entrevistas foram tabeladas em planilhas: uma para cada pergunta (A, B, C, D e E), e cada uma contendo a resposta de todos os ilustradores à pergunta. Cada ilustrador, por sua vez, recebeu um número de identificação. Quando um trecho contendo um tema potencial era identificado, este era copiado para uma nova linha da planilha e recebia um rótulo, uma sugestão preliminar de tema. Além disso, o trecho recebia também uma numeração associada ao número de identificação do ilustrador correspondente. Assim, uma vez que todas as respostas foram analisadas e rotuladas, pudemos observar recorrências visualizando o conjunto em ordem alfabética ou em ordem numérica – ou, ainda, remetendo ao entrevistado que originou o trecho discursivo.

Figura 4 – Processo de codificação do material qualitativo.

Cada entrevistado recebeu um número de identificação

Temas identificados receberam um rótulo

Em uma segunda rodada de análise, os temas podem ser renomeados

	A	B	C	D	E	F	G
12	33	33.3	Odyr	A vantagem é tempo perdido entre tarefas, o tempo-bunda, como chamava o Jaka. Acho que, em linhas gerais é uma situação positiva para artistas jovens.	Redação: melhor para jovens	Pró remoto: redação é melhor para jovens	
128	33	33.4	Odyr	Trabalhando em casa você tem mais liberdade de operação, de métodos, de trabalhar no seu tempo, sob as drogas que escolher	Remoto: maior conforto e liberdade	Pró Remoto: Maior autonomia, "conforto e liberdade"	
129	33	33.5	Odyr	A questão é uma habilidade ou temperamento para conseguir viver em isolamento e administrar sua liberdade e prazos.	Remoto: risco de perder o foco e disciplina	Contra Remoto: exige maior disciplina, "administrar liberdades e prazos"	
34	34.1	Orlando	- A primeira situação praticamente não existe mais e isso é uma pena. Uma redação deveria ser formada por profissionais tarimbados e jovens com sangue nos olhos. Hoje o chefe de uma editoria se formou um ou dois anos antes de que seus subordinados. São, de certa forma, todos focas inexperientes e ficam diariamente tentando inventar o que já existe há séculos. Eu trabalhei com grandes profissionais e essa foi minha escola, minha facilidade. Fortuna, Angeli, Mariza Dias Costa, Luiz Gê, Paulo Caruso e tantos outros que diariamente me influenciaram e se deixavam influenciar. Infografistas que trabalham nas redações são infografistas que "quebram um galho" no fechamento. Nada a ver com ilustração. Trabalhar em casa é um conforto, especialmente numa cidade como São Paulo onde o deslocamento é um problema mas esse isolamento e solidão - próprios dos desenhistas - é um atraso que temos que combater.	Redação: não existe mais ilustrador fixo	Remoto: tendência; não existe mais ilustrador fixo		
130							
34	34.2	Mardo	Uma redação deveria ser formada por profissionais tarimbados e jovens com sangue nos olhos. Hoje o chefe de uma editoria se formou um ou dois anos antes de que seus subordinados. São, de certa forma, todos focas inexperientes e ficam diariamente tentando inventar o que já existe há séculos. Eu trabalhei com grandes profissionais e essa foi minha escola, minha facilidade. Fortuna, Angeli, Mariza Dias Costa, Luiz Gê, Paulo Caruso e tantos outros que diariamente me influenciaram e se deixavam influenciar. Infografistas que trabalham nas redações são infografistas que "quebram um galho" no fechamento. Nada a ver com ilustração. Trabalhar em casa é um conforto, especialmente numa cidade como São Paulo onde o deslocamento é um problema mas esse isolamento e solidão - próprios dos desenhistas - é um atraso que temos que combater.	Pró Redação: Cumplicidade, convivência, aprendizagem e riqueza de interações (III)	Pró Redação: Cumplicidade, convivência, aprendizagem e riqueza de interações		
131							

Temas identificados foram copiados para uma nova linha e receberam um número derivado da identificação do entrevistado

Planilhas correspondem às respostas de cada pergunta e à seu processo de análise

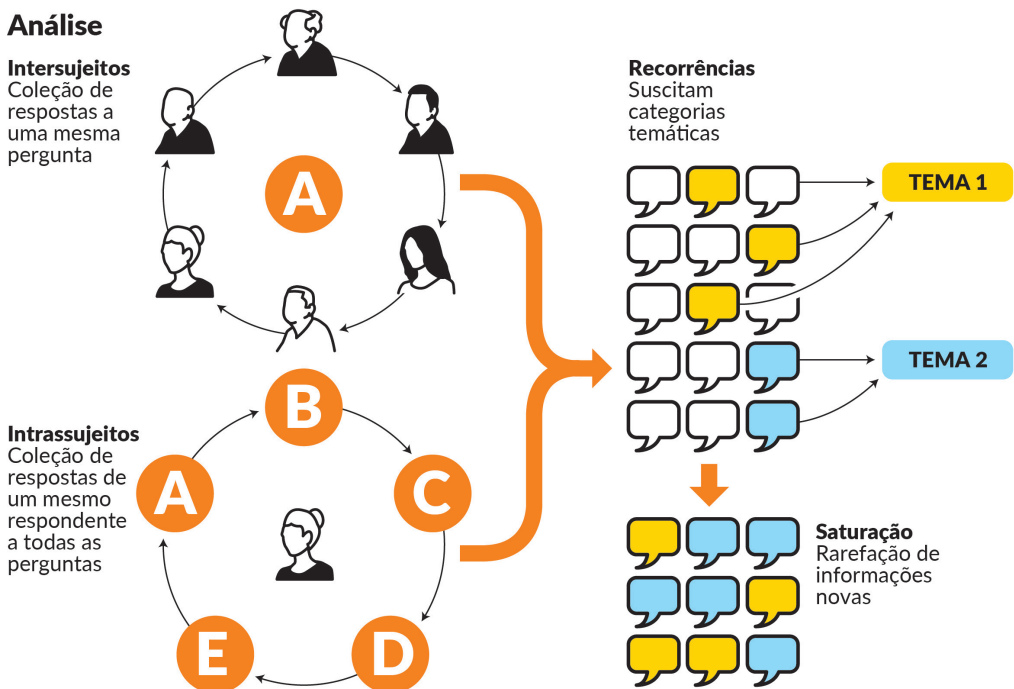
Durante o procedimento, percebemos que alguns temas poderiam ser agrupados em categorias mais abrangentes, sob um rótulo, uma etiqueta, gerando uma nova coluna com dados consolidados. Os manuseios *visuais* da informação – a colorização de células e trechos de texto, assim como os movimentos de copiar, colar e realocar os extratos pelo espaço da planilha – facilitaram a identificação das recorrências e temas emergentes.

Após a codificação, realizamos dois movimentos de análise. Primeiramente, levantamos recorrências no conjunto total de respostas – estabelecidas nas relações

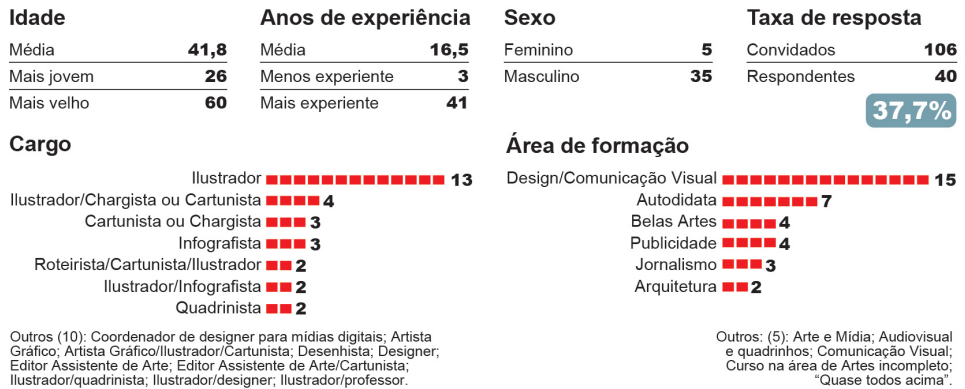
“intersujeitos” –, relacionando-as a cada item do roteiro. Em seguida, observamos recorrências no conjunto de respostas de um mesmo entrevistado a diferentes perguntas – “intrassujeitos”. A partir da interpretação dos dados, propusemos categorias de análise com base nos temas que surgiram nas respostas.

Durante a leitura do material ficou evidente que os entrevistados poderiam discorrer sobre um mesmo tema em perguntas diferentes. Da mesma forma, um tema explicitado na resposta a uma determinada pergunta poderia trazer um ponto de interesse a um objetivo específico explorado em outra pergunta. Essa técnica permitiu o melhor mapeamento dos temas que surgiram nas respostas.

Figura 5 – Processo de análise dos relatos coletados em campo.



Ao final do processo, criamos resumos gráficos apresentando a prevalência de temas levantados a cada pergunta da entrevista. Essas figuras acompanharam a discussão qualitativa das respostas no documento final sem, entretanto, pretender delimitar a reflexão a esse recorte. Para apresentar os resultados quantitativos do questionário, infográficos foram elaborados.

Figura 6 – Exemplo de infográfico apresentando resultados do questionário.

Entretanto, acreditamos que seja necessário refletir sobre o equilíbrio entre apresentar dados qualitativos e quantitativos, evitando reduzir as possibilidades qualitativas da pesquisa a números estatísticos objetivos. O cuidado se justifica, por exemplo, quando uma fala inesperada e importante em relação aos pontos da pesquisa poderia ser excluída, por um corte meramente estatístico, por não encontrar eco nem surgir nas demais vozes, sendo minoritária quantitativamente.

UMA ANÁLISE QUE TAMBÉM CONSIDERA AS FORMAS E PERCEPÇÕES VISUAIS

Considerando nossa experiência e revisitando os estudos de Tabak (2012) e Alexandre (2017), percebemos semelhanças na maneira como as três pesquisas inclinaram-se a refletir sobre os dados qualitativos pela forma visual assumida. Tabak, por exemplo, codificou seu material inicialmente utilizando a ferramenta “tag” do *software Adobe InDesign*, um recurso comumente utilizado com fluência por designers gráficos na prática profissional, nesse caso sendo aplicado com outro fim. Em seguida, Tabak imprimiu e recortou seus temas em pequenos pedaços de papel. Por fim, espalhou os papéis e os diagramou espacialmente em mapas conceituais, permitindo sua análise. Segundo Tabak (2012, p.45): “Com os códigos todos à vista, tentamos perceber quais encadeamentos poderiam existir e encontramos, em uma das próprias famílias de marcações, uma pista para iniciar a organização”. A abordagem de Alexandre foi semelhante e ressalta a “familiaridade” no uso do *software InDesign* entre os motivos para a escolha do recurso. Alexandre (2017, p.70) criou etiquetas coloridas para identificar e consolidar os temas em relatos reunidos na pesquisa: “Conforme eram lidas as postagens, as etiquetas eram designadas e frequentemente alteradas, uma vez que os trechos eram reinterpretados”. Nossa pesquisa (Mitchell, 2018), por sua vez, experimentou

o uso de cores para mapear as informações espacialmente em planilhas. Isso facilitou a localização visual de semelhanças e as sucessivas reinterpretações dos temas, prática mantida em desdobramentos recentes.

Figura 7 – Mapas mentais elaborados no processo de Tabak (2012, p.45).

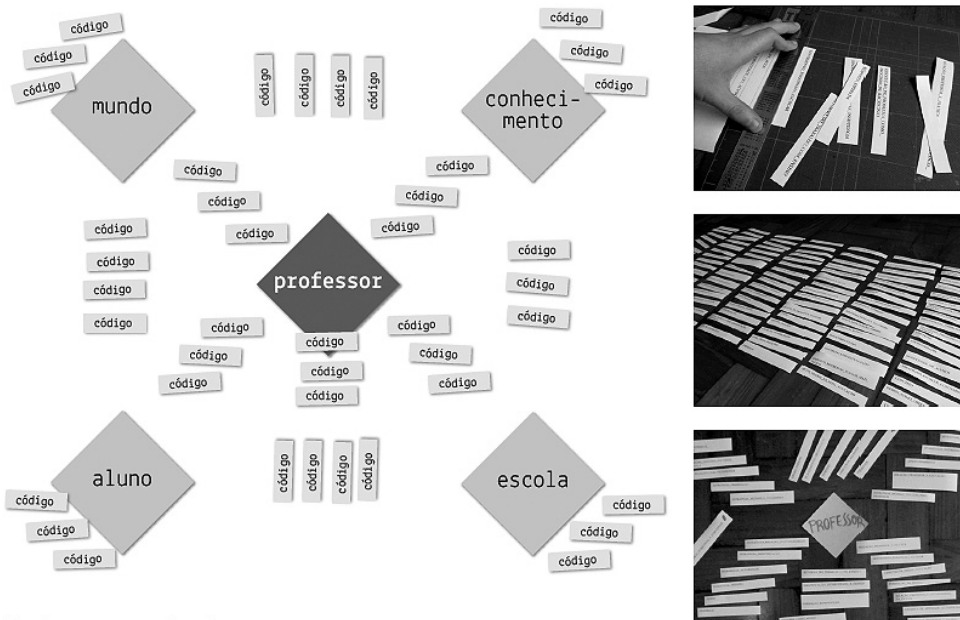


Figura 8 – Rotulagem de dados em software de Design na pesquisa de Rosana Alexandre (2017, p.70).

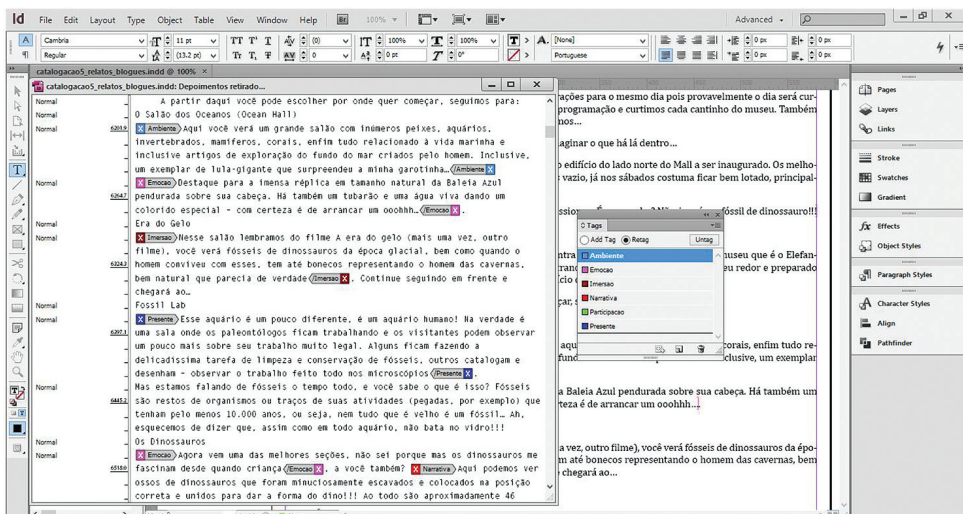


Figura 9 – Colorização de células para evidenciar similaridades. Figura dos autores.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I
13	3	3.2	Renato Carvalho		O tempo pode ser melhor aproveitado (eu moro muito distante do trabalho)	Qualidade de vida (tempo e segurança); Vantagem remoto.	Quality of Life (Time and Safety)	Quality of Life (Time and Safety)	Quality of Life (Time and Safety)
14	3	3.1	Renato Carvalho		Como o trabalho de criação do ilustrador já é por natureza bastante solitário	Trabalho de ilustração não sofreu mudanças (já é solitário)	Traditional illustration unaffected [3]	Traditional illustration unaffected [3]	Remote work unchanged or more efficient [4]
15	4	4.5	André Mello		Os diagramadores estão enviando por meu e-mail as medidas e o PDF de c	Trabalho de ilustração não sofreu mudanças	Traditional illustration unaffected [3]	Traditional illustration unaffected [3]	Remote work unchanged or more efficient [4]
16	5	5.4	Marco Carillo		Mas não senti nenhuma diferença em relação ao processo de trabalho no	No noticeable differences	Traditional illustration unaffected [3]	Traditional illustration unaffected [3]	Remote work unchanged or more efficient [4]
17	7	7.1	Francisco Martins		O trabalho remoto apenas se provou tão eficiente quanto o presencial. Ur			Remote work as efficient or better than in person [1]	Remote work unchanged or more efficient [4]
18	1	1.2	Vinicius Machado		Outra dificuldade importante é o uso da VPN para acessar arquivos e publi	VPN é uma rede mais lenta;	Slower network and response	Slower response time [2]	Slower response time [2]

Organizar informações em um espaço limitado e raciocinar identificando relações de semelhança entre as formas são estratégias que podem surgir instintivamente para designers gráficos e ilustradores, pois a iniciativa guarda estreita afinidade com o desenvolvimento de *layouts* e composições. O processo é similar ao raciocínio de diagramar elementos, hierarquizando-os, selecionando quais devem ganhar ênfase e quais são menos relevantes e devem ser deixados de lado ao ocupar os espaços. Isso, é claro, não quer dizer que as escolhas e edições não sejam lógicas, mas que podem estar um passo além do raciocínio consequencial e verbal. Depois de ler e analisar as informações como texto objetivo, tratar os dados como elementos visuais é uma etapa extra, que também pode auxiliar na análise do material qualitativo. Segundo Tabak, “a visualização do conjunto de códigos permitiu o surgimento de algumas sutilezas não observadas anteriormente” (2012, p.45). Para Alexandre, “esse processo organizacional permitiu-nos ver não só como esses elementos estão presentes nos discursos, mas como se associam entre si” (2017, p.70). Para afirmarmos que essas abordagens são fruto da interpretação e fusão de métodos interdisciplinares por *pesquisadores-designers*, necessitaríamos realizar estudos adicionais. Será que pesquisadores de outras áreas de conhecimento também usam explicitamente esse tipo de raciocínio em suas análises? Ou é possível que haja uma maneira característica da pesquisa em Design – uma contribuição instintivamente orientada pelo visual e pelo espacial – para trabalhar com dados qualitativos na pesquisa acadêmica?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O link do questionário e as perguntas da entrevista foram enviados juntos aos sujeitos no mesmo e-mail/convite. Alguns responderam o questionário, mas jamais entregaram as respostas das perguntas abertas. Outros fizeram o contrário. Teriam achado o questionário muito longo? Quantos se sentiram tímidos para responder às perguntas abertas da entrevista? Alguma questão foi considerada ofensiva ou antipática? Uma resposta adequada a essas questões exigiria uma investigação mais aprofundada, mas a experiência indicou como é importante experimentar, testar e praticar com o próprio *design* da entrevista e questionário, procurando prever galgalos antes da aplicação dos mesmos no campo.

Nossa taxa final de respostas à consulta foi de 37,7% e os entrevistados incluíram representantes de 11 estados e de 19 jornais brasileiros diferentes. No total, 106 profissionais foram convidados, ilustradores e diretores de arte, de 16 estados. Desse número inicial, 83 acenaram positivamente com o convite. Ao final, 40 responderam à consulta, mas apenas 31 responderam tanto ao questionário quanto às perguntas da entrevista. O método de resposta preferencial foi por e-mail (33), sendo que 6 optaram pela entrevista presencial e 1 por videochamada.

Em nossa experiência, as entrevistas faladas resultaram em material mais extenso e imprevisível, revelando achados interessantes. Em alguns casos, gerou inclusive trechos de transcrições caóticas. A linguagem falada tem idas e vindas, interrupções abruptas, pausas e interjeições, apresentando um raciocínio espontâneo, como um rascunho de pensamento. O aspecto positivo foi favorecer o surgimento de questões inesperadas e desvios fluídos na conversa. Por outro lado, as transcrições são trabalhosas e podem demandar do pesquisador decisões sobre a edição pontual dos relatos para adequação ao fluxo textual dos documentos em norma acadêmica, além do cuidado de não corromper o sentido do entrevistado nem macular a qualidade dos dados. Percebemos também a necessidade de concentração e aprendizagem na função de entrevistador, procurando desenvolver a experiência necessária para, por exemplo, resistir ao ímpeto de interromper o entrevistado desnecessariamente e buscar sensibilidade quanto ao momento benéfico de uma intervenção junto aos objetivos da pesquisa.

A gravação de entrevistas não necessariamente é garantia de um resultado melhor, podendo inclusive levar a um grau de desatenção acerca dos objetivos. Rutakumwa *et al.* (2019) realizaram uma investigação comparativa entre entrevistas gravadas e aquelas conduzidas sem registro de voz. Em seu estudo, dados foram coletados por dois pesquisadores considerados entrevistadores experimentados,

com mais de 20 anos de experiência no campo. A ambos foi solicitado que gravassem 60 entrevistas. Porém, antes de escutá-las, os entrevistadores foram solicitados a também preparar relatórios das entrevistas sem recorrer à gravação, fazendo apontamentos no mesmo dia, para reduzir a possibilidade de distorções ao lembrar as conversas.

Entre muitos pontos levantados, os pesquisadores alertam para o risco de uma ilusão de exatidão, onde a fixação por dados factuais gravados pode levar a uma perda da experiência maior de uma entrevista, como a observação pessoal e interação entre pessoas. Ou seja, informações qualitativas que não são registradas pela gravação. O não dito também pode trazer informações relevantes. Outra observação foi a constatação de que as transcrições palavra por palavra, apesar de mais longas, não garantiam a obtenção de mais dados relevantes. Ao contrário, no transcrito *ipsis litteris*, houve a inclusão de um volume de dados não relacionados aos objetivos da entrevista, tornando os documentos duas vezes mais extensos em média. Chamados de *filler* pelo estudo – ou *enchimento* em inglês – esses dados poderiam ter sido resumidos em breves apontamentos nos documentos (Rutakumwa, 2019, p.569). Os pesquisadores também compararam a estrutura das transcrições gravadas e daquelas feitas de memória. Nessas, observaram que os tópicos anotados por vezes não seguiam a ordem das perguntas. Essa mudança de estrutura acontecia porque ao repassar a conversa sem auxílio do gravador os entrevistadores já faziam uma primeira análise do material, selecionando, rearrumando e agrupando conteúdo relevante (Rutakumwa, 2019, p.575).

O fator mais importante para a qualidade das entrevistas e dos dados não se encontra no apoio tecnológico, mas sim na qualidade, treinamento e preparação dos entrevistadores.

Este estudo enfatiza o que é frequentemente encontrado, mas muitas vezes ignorado, que é a importância da formação e da qualidade dos pesquisadores; isso mais do que qualquer outra coisa afetará a qualidade das entrevistas e dos dados coletados. Se os entrevistadores não forem suficientemente treinados para compreender os efeitos que sua abordagem, perguntas, tom e reações durante a entrevista têm sobre a qualidade e pertinência dos dados coletados, então, quer se use gravadores ou não, os dados produzidos serão ruins. (Rutakumwa *et al.*, 2019, p.577. Tradução nossa).¹

¹ “This study emphasizes what is consistently found but often dismissed, which is the importance of training and the quality of the researchers; this more than anything will affect the quality of the interviews and data collected. If interviewers are not sufficiently trained to understand the effects of their approach, questions, tone and responsiveness within the interview on the quality and pertinence of the data collected, then whether one uses audio recorders or not it will produce poor data.”

Em nossa pesquisa, as entrevistas realizadas por escrito resultaram em depoimentos mais enxutos e organizados, possivelmente um reflexo da edição e controle do entrevistado ao escrever sua resposta. São dados *prontos* para manuseio e análise imediata pela pesquisa. Dependendo do grau de domínio da escrita e familiaridade com técnicas de redação pelo entrevistado, a entrevista por e-mail pode ser mais ou menos elaborada. Em alguns casos, o formato pode ter levado à evasão de sujeitos abordados por não se sentirem à vontade de escrever respostas abertas – ou por enxergarem o processo como trabalhoso. Uma ilustradora respondeu com sinceridade ao convite: “Ô Mitchell, sentei aqui pra responder e me senti numa prova que não estudei a matéria. Eu vou enrolar e inventar se for pra responder”. Ao optarmos por flexibilizar os formatos, acreditamos que a escolha do formato mais adequado depende de cada objetivo da pesquisa e da disponibilidade dos sujeitos para se comunicarem em língua falada ou escrita para as entrevistas.

Outra reflexão necessária diz respeito a como referenciar as entrevistas na bibliografia. Ao buscar exemplos de referências, encontramos pesquisas nas quais houve entrevistas com profissionais das Artes, como artistas-gráficos, ilustradores, cartunistas e designers. Algumas dissertações e teses optavam pela citação direta dos entrevistados, referenciando-os. Outras apresentavam apenas curtos trechos de discursos, apoiando os argumentos sem a necessidade de identificar os respondentes. Em nosso caso, optamos pela inclusão das entrevistas na bibliografia por dois motivos. Primeiro, os entrevistados foram consultados quanto à possibilidade de anonimato antes da pesquisa, e apenas um ilustrador manifestou essa preocupação, que foi respeitada. Os demais, estavam à vontade para apresentar suas ideias. Além disso, optamos por fazer a discussão sobre os relatos orientada pelos temas das perguntas, apresentando as vozes entremeadas a cada tema, visando favorecer a diversidade de visões e estilos encontrados no campo, estrutura que se beneficiava da citação direta.

Uma outra contribuição interdisciplinar que a pesquisa em Design – e designers como pesquisadores – talvez possa oferecer, está na reflexão sobre a elaboração de formulários e questionários de pesquisa. Ao vivenciar o processo de construção e aplicação de questionários digitais interativos, percebemos como o planejamento de sua estrutura, a organização de seu sistema de informação, bem como a seleção adequada das ferramentas disponíveis na interface podem impactar a qualidade dos dados. Identificar o formato mais apropriado para questionar um item; prever interações desnecessárias que obstruirão a experiência do respondente; – São

práticas que talvez pareçam óbvias para muitos designers mas podem representar um desafio para pesquisadores de diferentes campos.

Designers, ilustradores e artistas visuais são por vezes estereotipados como sujeitos que têm dificuldade em tecer considerações teóricas sobre seus ofícios. O processo de entrevista e a inteligência resultante da vocalização da experiência de trabalho de ilustradores de várias gerações e origens foi benéfica ao evidenciar pontos de vista distintos acerca da resolução de problemas comuns ao campo. Acreditamos que experiências como essa possam enriquecer o referencial teórico para disciplinas e saberes baseados em práticas.

Além disso, ao refletir sobre as abordagens para codificação e análise de material qualitativo, notamos alguns estudos realizados na pesquisa em Design que optaram pelo manuseio dos dados de campo de forma visual e tangível, marcando, colorindo ou recortando informações textuais. Essas abordagens podem ser intuitivas para designers e profissionais de prática artística, pois favorecem o raciocínio por semelhanças na forma e composição do espaço, algo como um diagramar e compor com os dados do campo. Acreditamos que possam merecer mais estudos para compreender suas contribuições às metodologias de análise.

Considerando a natureza interdisciplinar de muitas pesquisas hoje, é possível que dados quantitativos e qualitativos coletados em um campo possam ser úteis para novas pesquisas científicas em campos distintos. Por exemplo, uma ilustradora que leu nosso trabalho questionou: Por quê tão poucas mulheres foram entrevistadas? Embora não estivesse nos objetivos do estudo avaliar a inclusão feminina na indústria jornalística, destaca-se que apenas 14% dos respondentes em nossa consulta eram mulheres. Ao disponibilizar os dados do trabalho de campo com clareza e rigor, esperamos que outras pesquisas que eventualmente tenham o objetivo de compreender esses problemas, possam se beneficiar desses dados para apoiar suas investigações.

Isso nos leva a outro desafio no trabalho de campo: como administrar envios no próprio ato de selecionar e convidar os sujeitos? Em nossa pesquisa, os dados finais das consultas reuniram sujeitos que eram em sua maioria homens (76%) e que trabalhavam em jornais no Rio de Janeiro (21%) e em São Paulo (38%). Ao conjecturar entrevistados em potencial, o pesquisador abordou inicialmente Ilustradores e Designers com os quais já havia trabalhado ou conhecia de nome no ramo da ilustração jornalística. Esses, por sua vez, sugeriram outros nomes possíveis para entrevista. No intuito de expandir a pesquisa para além dos círculos sociais e geográficos iniciais, as redes sociais foram usadas para contatar profissionais sem relação prévia com o pesquisador e que se descreviam como “Ilustradores”

em seus perfis. Entretanto, a adesão não foi a mesma em comparação ao convite a profissionais já familiarizados no círculo profissional. Cada decisão certamente teve sua parcela de influência nos dados demográficos finais do estudo, não sendo possível determinarmos o quão próximos de um *perfil médio* do ilustrador de jornal brasileiro estávamos.

Recorrer à metodologia interdisciplinar foi muito enriquecedor para nossa pesquisa. É importante, no entanto, que essas abordagens sejam flexíveis o suficiente para acomodar as necessidades específicas da pesquisa em Design.

AGRADECIMENTOS

Os pesquisadores gostariam de agradecer o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – código de financiamento 001 e da PUC-Rio para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Rosana Ferreira. **Colecionando experiências museais: A mediação com o público sob o viés do design.** Tese (Doutorado em Design), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MITCHELL, Vinicius. **A ilustração jornalística e os desafios para sua experiência em smartphones.** Dissertação (Mestrado em Design), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. T. **Fundamentos de metodologia científica.** 5ª Edição. São Paulo: Atlas, 2003.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M.; LEITÃO, C. F.; ROMÃO-DIAS, D. Como conhecer usuários através do Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). VI Simpósio Brasileiro sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais. **Anais... IHC**, p.47-56, 2004.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 1, p.65-73, 2007.

TABAK, Tatiana. **Resolução de (não) problemas; Contribuição de Design para anseios da educação em um mundo complexo.** Dissertação de mestrado, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2012.

RUTAKUMWA, R. *et al.* Conducting in-depth interviews with and without voice recorders: a comparative analysis. *In: Qualitative Research*, v.20, n.5, p.565-581, nov., 2019.

SOBRE OS AUTORES

Luiza Novaes é Doutora em Design pela PUC-Rio e possui MFA in Photography and Related Media pela School of Visual Arts, em New York, USA. Designer e pesquisadora, atua nas áreas de design como mediação, mídia interativa e comunicação visual. É coordenadora do laboratório Experiências e Ambientes Interativos – EAI do Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio, e líder dos grupos de pesquisa “*Experiências e Ambientes Interativos*” e “*Interfaces Físicas Experimentais*”. Inovaes@puc-rio.br.

Vinicius Mitchell é Mestre em Design pela PUC-Rio (2018). Designer, ilustrador e quadrinista. Doutorando ligado ao grupo de pesquisas do laboratório *Experiências e Ambientes Interativos* da PUC-Rio. vinicius.mitchell@gmail.com

